



Paris em São João de Meriti: do *fake* ao absurdo

Leonardo contra Paris, de Márcio-André Haz

Felipe Fernandes Ribeiro*

Leonardo contra Paris (2016), de Márcio-André Haz, beira o surrealismo, indo do *fake* ao absurdo, do Rio Sena a um valão fétido da Baixada Fluminense. Após uma festa de despedida no Leblon, Leonardo Pontevedra segue o roteiro de voo para a França, onde, fruto de sua suposta genialidade intelectual, lecionaria na Sorbonne. No entanto, os capítulos revelam que tudo não passa de uma grande farsa, pois não há convite da prestigiosa universidade, tampouco viagem, mas tão somente “o sobrado na Rua Assia Tanus Bedran”, que lhe servirá de asilo.

O contraste entre a época desfrutada por Pontevedra no Leblon – à custa da rica e famosa namorada – e a realidade de sua pobreza (após o término do relacionamento), marcada pela limitação da herança a uma casa de dois pavimentos no centro de São João de Meriti, se conecta à aura sombria de um sujeito usuário de cocaína e marcadamente machista, mesquinho, mau-caráter. A mentira vai se desenvolvendo virtualmente e tomando proporções inesperadas, até o fantástico se tornar realidade.

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A capa do livro, de Laurent Chèhére – de um projeto intitulado *Flying Houses* –, apresenta uma construção parisiense antiga e decadente, que aparece suspensa no espaço graças ao uso da fotomontagem e da edição digital. Tal imagem dialoga estreitamente com a narrativa, tendo em vista seu vínculo com o desenrolar da própria existência do protagonista.

Em outras palavras, a técnica usada pelo artista francês se assemelha, e muito, à criação da persona de Pontevedra. Das situações falsas em seu perfil de Facebook a engodos polêmicos, percebe-se que o uso de recursos de edição, a inserção de fotografias aleatórias da internet, a interação com o Google Maps e a publicação de posts persuasivos resultam em fotomontagens representativas de sua vida dupla: famoso e decadente, homem das letras e mero ilusionista, ator-escritor-crítico-letrista e drogado sem um tostão.

O projeto gráfico se encontra com o texto também na similaridade entre o sobrado de São João de Meriti – que tem como pano de fundo uma arquitetura (um pouco) art déco em meio a sujeira, violência e calor insuportável – e a pobreza, a decadência e o caos sugeridos por Chèhére. Nota-se que cada detalhe do livro foi pensado com muita calma, a fim de apresentar uma história sem floreios e talhada pelas assimetrias de um mundo marcado pelas aparências, povoado pelas celebridades momentâneas do universo artístico e literário.

Os embates entre elite e periferia revelam as agudezas e dissonâncias desses distintos cenários. Em vez do Rio Sena, veem-se as margens de um valão; em vez da famosa pianista e melhor partido do Rio de Janeiro, a pobre e ex-atriz pornô Joyce; em vez do encontro com o reitor, o desimportante amigo Simão; em vez das aulas na Sorbonne, as oficinas na biblioteca municipal com semianalfabetos. Leonardo sente na pele todos esses choques.

A frase: “Estar vivo é a forma mais trágica de se estar no mundo” ecoa nas páginas do livro de maneira a sustentar toda a dramaticidade de um personagem dissimulado e cabotino. Os desejos de ser um autor lido e respeitado nas universidades se misturam à dubiedade de um Leonardo ora convidado para lecionar na capital francesa, ora manipulador sem escrúpulos das redes sociais.

Fomentado por um estrelismo barato e pela alienação das redes sociais, surge um ambiente de amigos interesseiros e sorrisos fáceis, integrado por críticos literários, jornalistas, editores e escritores iniciantes. Esboça-se, assim, uma dura crítica ao universo artístico-literário, no qual muitos integrantes tentam conquistar espaço apelando para recursos duvidosos, como contatos levianos, bajulações e troca de favores. Nesse contexto, a qualidade da criação literária pouca importância tem, conforme se deduz da afirmação de que “a obra em si não diz nada sem um nome e uma estrutura política por detrás para dar seu verdadeiro valor”.

As palavras invadem as páginas para ocupar o vazio de uma existência preocupada mais com prestígio, reconhecimento e popularidade do que com literatura. O embuste se desenrola no Facebook, afinal Pontevedra deseja manter intacta sua reputação de convidado especial da Sorbonne, literato promissor e intelectual incontestável, negando a realidade pobre e fracassada de Meriti. Assim, acaba traçando um diálogo duvidoso – ainda que verossímil – entre possíveis mundos: o on-line e o off-line.

A cada nova postagem sobre as novidades de Paris e as aventuras vividas em cafés de jazz e Lautréamont, o público reage fervorosamente, com muitos comentários e elogios. Talvez a melhor criação de Pontevedra seja a geração dos likes dando sentido à ficção e vida a uma figura pública que não pode se permitir fracassar, total-

mente dependente da imagem, do status e das relações de interesse. Na verdade, uma pessoa vazia e presa de tal modo à própria imagem que – assim como Narciso – descortina não somente a insensibilidade de espelhos egóticos, mas também dramas tão humanos quanto os acenos da notoriedade.

No tempo das celebridades instantâneas, das selfies arranjadas, dos talk shows de vitrines do nada, das postagens com fotos de viagens internacionais com a família e da enxurrada de youtubers falastrões, o silêncio, a tristeza e o fracasso são praticamente impossíveis. Afinal, todos precisam ter algo a dizer, devem seguir o fluxo contínuo e exasperador da própria imagem, feita à base de longas e intermináveis venturas.

Leonardo contra Paris expõe o palco das redes sociais, nas quais os atores fingem nunca ter levado porrada na vida, por serem todos campeões em tudo. A vida desses fingidores é transposta para o texto, assim como as falsas relações de pessoas dispostas a vender a alma em troca de reconhecimento e fotos na coluna social, uma vez que “a verdadeira literatura está no teatro das celebridades”. A submissão do processo às exigências do mercado expõe um modelo editorial ambicioso e desleal, que faz do livro apenas mais um objeto de consumo a ser vendido.

Ao trazer para o livro a linguagem dos posts de Facebook, o autor dá vazão a uma história que poderia ser real. Tanto é assim que as digressões do protagonista, os diálogos com o reitor e as aulas-arte na Sorbonne são corroborados pelo público a ponto de transformar o cenário em pandemônio surreal de compartilhamentos, likes e comentários efusivos.

Do fracasso da carreira como escritor ao glamour das linhas semeadas nas redes sociais – com suas fanpages e algoritmos – há um

universo literário excludente, manipulador e elitizado, que precisa ser destruído pedregulho a pedregulho. Alicerçados em situações que remetem ao cotidiano, mas que vão muito além do corriqueiro, os momentos vivenciados por Pontevedra constituem uma narrativa crua, ambientada em um ninho de vespas incontroláveis, em que vemos jorrar o sangue denso da morte do eu. A esse conteúdo Márcio-André teve a sensibilidade e a ousadia de fazer aderir um estilo rápido e afiado como a navalha de uma barbearia de esquina.